

# COMUNHÃO

Revista Espírita Bimestral  
Propriedade da

**COMUNHÃO ESPÍRITA CRISTÃ DE LISBOA**

*www.comunhaolisboa.com*

**ANO 28**

**Nº 175**

**NOVEMBRO - DEZEMBRO  
2010**

Propriedade, Administração, Redacção, Composição e Impressão :	Índice	Página
	<b>Editorial</b>	<b>2</b>
Calçada do Tojal, 95, s/c	<b>Palavras de Kardec</b>	<b>5</b>
1500-592 Lisboa	<b>O 11º Mandamento</b>	<b>9</b>
Telefone : 217 647 441	<b>Onde estiver Jesus (Soneto)</b>	<b>14</b>
*	<b>No rumo da regeneração</b>	<b>15</b>
Director Responsável :	<b>Se me quiser ler...</b>	<b>18</b>
Manuela Vasconcelos	<b>Páginas do Passado</b>	<b>22</b>
	<b>Dilúvio</b>	<b>24</b>
*	<b>Alguém espera... (Soneto)</b>	<b>27</b>
Tiragem : 150 exemplares	<b>Caminhemos...</b>	<b>28</b>
Distribuição Gratuita	<b>Ave, é Natal!</b>	<b>29</b>
	<b>Feliz Natal!</b>	<b>32</b>

Registo nº.211720  
Depósito Legal Nº. 13972

\*

# EDITORIAL

Uma vez, ouvimos uma opinião de um escritor quando afirmava que, por muitas ideias que tivesse para escrever ou transmitir, as primeiras palavras – o início de uma qualquer obra – elas eram sempre difíceis de encontrar e, não nos arvorando naquilo que não somos, temos de confessar que a nossa dificuldade, quando iniciamos um número diferente da nossa Revista, é também essa: como começar. Que escrever, nas primeiras linhas que os nossos leitores irão ler e com que poderão, ou não, sentir-se atraídos para ‘decifram’ as restantes palavras, linhas, artigos?... Realmente, é difícil, mas aqui estamos nós, com a simplicidade de sempre, procurando ainda uma vez, servir em nome da COMUNHÃO.

Estamos a escrever e a pensar na rapidez com que o Tempo corre, embora tenhamos para nós que essa mesma rapidez estará sempre relacionada com a maneira como o aproveitamos, com a programação que dele fazemos... E como, por vezes, não nos chegam os dias de 24 horas mas precisássemos de uma alteração ao calendário para que nos passasse a dar, outros, de 72 horas, perguntamo-nos se o problema estará relacionado com uma indolência maior, ou uma ingerência grande desse mesmo tempo. Na dúvida, vamos procurando geri-lo melhor!

Estamos já a menos de 2 meses do Natal – a data oficial que o calendário nos deu para festejarmos o nascimento de Jesus – aquele Messias que Deus mandou aos homens, quando mais perdidos se encontravam, para encontrarem o caminho para Ele.

Já lá vão mais de 2.000 anos e volta que não volta, nós próprios que tão imperfeitos nos reconhecemos AINDA apesar de todas as reencarnações e oportunidades que nos têm sido concedidas e de que não avaliamos, sequer, o número, perguntamo-nos muitas vezes se não seria necessária uma nova vinda de Jesus, tal como o fez há milénios atrás! É que... pois, olhamos à nossa volta, falamos com uns e com outros, e parece que estamos a viver numa nova ‘torre de Babel’, como aquela outra que vem referida no Antigo Testamento, e nos relata a maneira como os homens, ao construí-la, e por quererem que prevalesse a vontade própria, que o orgulho comandava, deixaram de se entender uns com os outros, começando a falar linguas diferentes!

Queiramos ou não reconhece-lo, já começou a transformação do nosso planeta, de mundo de expiação e sofrimento para mundo de regeneração: os acidentes geofísicos que têm acontecido nos últimos anos são bem a prova disso e, para que não haja qualquer espécie de dúvida, eles abrangem todo o Globo Terrestre e não apenas uma ou outra localidade! Mas Deus ama-nos de tal maneira que, mesmo no meio destas transformações, ainda colocou entre nós, a incentivar-nos ao bem, um Mahatma Gandhi (a alertar os homens para o pacifismo em vez da violência), um Dalai-Lama, mostrando que para se falar de Deus não há necessidade das paredes de um Mosteiro porque o importante é o exemplo, a palavra; um João Paulo II, a afirmar-nos que mesmo no meio das maiores provações, como as da guerra e a perda dos entes queridos, todos nós podemos sempre seguir em frente desde que tenhamos fé no Senhor; uma Madre Teresa de Calcutá, mostrando-nos que todos podemos ser felizes porque não é o ouro que nos dá a felicidade mas o amor pelo próximo e a maneira como o podemos auxiliar!

A cada exemplo a aliciar-nos ao Bem, quando não estamos dispostos a segui-lo, vem a frase chavão de sempre, de quem recua até a 2.000 anos atrás para a justificação maior: ‘Eu não sou Jesus! Aquilo que Ele fazia eu não posso fazer!’

É verdade, sim, reconhecemos, nem nós, nem quem nos lê! Ainda que pregassemos numa montanha ou num deserto tentando imitá-IO, nenhum de nós é Jesus: somos nós próprios, com os nossos sentimentos, com as nossas dores e as nossas alegrias também, mas se não nos quisermos esforçar um bocadinho, será que nos conseguiremos transformar?

Toda a melhoria exige esforço: foi assim quando aprendemos as primeiras letras, como já o tinha sido quando começámos a balbuciar as primeiras palavras, da mesma maneira que o esforço maior não é o dar um novo ser à vida mas criá-lo, educá-lo, prepará-lo para ser ‘gente’ Amanhã: essa a tarefa maior que Deus nos confia e, se o faz, é porque sabe das nossas capacidades... Quantas vezes, fazendo-o, não acabamos por nos educar também a nós próprios?

A Vida é uma imensa Escola de um Livro único com muitos capítulos, que vamos analisando página a página – desde que queiramos melhorar-nos... e, aqui, voltamos às nossas primeiras palavras: estamos quase, de novo, no Natal – a data maior que nos fala d’Aquele que veio à Terra para nos ensinar o caminho para o Pai, através do Amor, do Bem, da Fé.

Então, antes que a transformação total se dê e ‘acordemos’ num outro mundo, inferior a este, porque não nos reconheceram capacidade para continuarmos a habitar a Terra, quando planeta de regeneração, procuremos afincadamente, fazendo das fraquezas forças - se for o caso -, arrastando-nos ainda que os joelhos nos

sangrem, mordendo os lábios na busca de um pouco mais de enegia quando já tudo nos falhe, procuremos seguir em frente, trilhando o caminho que o Divino Amigo nos apontou porque será sempre, através dele, que conquistaremos a própria felicidade vencendo o homem velho que existe em nós, repleto de vícios e defeitos, para criarmos o outro – o Homem Novo que todos teremos de ser um dia.

Feliz Natal para todos – com Jesus nos vossos corações e nos vossos lares.

### *A DIRECÇÃO*



## **PALAVRAS DE KARDEC**

### **ESTUDO DA NATUREZA DE CRISTO**

#### **IX – Filho de Deus e Filho do Homem**

*(Continuação)*

O titulo de **Filho de Deus**, longe de implicar a igualdade, é antes indicativo de submissão; ora ninguém pode ser submetido a si mesmo. Para que Jesus fosse absolutamente igual a Deus, seria preciso que fosse como Ele de toda a eternidade, isto é, que fosse **incriado**; ora, o dogma diz que Deus o **gerou** de toda a eternidade, e quem diz **gerado** diz **criado**; quer seja ou não de toda a

eternidade, nem por isso é menos criatura, e, como criatura, subordinada ao seu criador; esta é a ideia implicitamente contida na palavra **Filho**.

Jesus teve nascimento no tempo? Por ventura houve tempo na eternidade em que ele não existia? Ou é co-eterno com o Pai? Estas são as subtilezas acerca das quais se tem disputado por séculos.

Em que se apoia a doutrina da co-eternidade, elevada à categoria de dogma? Na opinião dos homens que a estabeleceram. Mas esses homens, em que autoridade fundaram a sua opinião? Não foi na de Jesus, pois que este se declara subordinado; nem foi na dos profetas, que o anunciaram como enviado e servo de Deus.

Em que documentos desconhecidos, mais autênticos que os Evangelhos, descobriram esta doutrina? Parece que na consciência e na superioridade das suas próprias luzes.

Deixemos, pois, estas inúteis discussões, intermináveis, as quais, se ainda tivessem uma solução, não tornariam os homens melhores. Digamos que Jesus é **Filho de Deus**, como todas as criaturas; ele o chama de Pai, como nos ensinou a chamá-lo **nosso Pai**. Ele é o **Filho muito amado de Deus**, porque, tendo chegado à perfeição próxima de Deus, possui toda a sua confiança e toda a sua afeição; ele diz-se **Filho unigénito**, não porque seja o único chegado àquele grau, mas porque só ele era predestinado para esta missão na Terra.

Se a qualificação de **Filho de Deus** parece apoiar a doutrina da divindade, o contrário deve supor-se da qualificação de **Filho do homem**, que Jesus se deu em missão e que foi objecto de muitos comentários.

Para compreender-lhe o verdadeiro sentido, faz-se preciso remontar à bíblia, onde ele é dado pelo próprio Deus a Ezequiel.

“Esta foi a visão da semelhança da glória do Senhor; e vi, e caí com o meu rosto em terra, e ouvi uma voz de quem falava; e me disse: **Filho do homem**, põe-te sobre os teus pés, e eu falarei contigo.

“E entrou em mim o espírito depois que me falou, e me firmou sobre os meus pés; e ouvi ao que me falava.

“E dizia: **Filho do homem**, eu te envio aos filhos de Israel, às gentes apóstatas que se apartaram de mim; eles e seus pais têm prevaricado, violando o meu parto até o dia de hoje.” – (EZEQUIEL, II, 1, 2 e 3).

“E tu, filho do homem, sabe que eles têm deitado sobre ti cadeias, e te ligarão com elas, e tu não sairás do meio delas.” – (Idem, III, 25).

“E foi-me dirigida a palavra do Senhor, a qual dizia: E tu, filho do homem, dize: Isto diz o Senhor Deus à Terra de Israel; o fim vem, vem o fim sobre as quatro plagas da Terra.” - (Idem, VII, 1 e 2).

E no ano nono, no décimo mês, a dez dias do mês, foi-me dirigida a palavra do Senhor, a qual dizia: Filho do homem, escreve com pontualidade este dia, em que o rei da Babilónia se postou contra Jerusalém, hoje mesmo.” – (Idem, XXIV, 1 e 2).

E foi-me dirigida a palavra do Senhor, a qual dizia:

Filho do homem, eis aqui estou eu que te tiro de um golpe o objecto mais agradável de teus olhos; mas tu não te lamentarás, nem chorarás, nem te correrão as lágrimas pelo rosto.

“Geme lá para ti; não tomarás luto, como se faz pelos mortos; fique-te atada na cabeça a tua coroa, e tu terás metidos nos pés os teus sapatos; não cobrirás com véu o teu rosto, nem comerás manjares que se dão aos que estão deujo.

“Eu, pois, falei de manhã ao povo, e à tarde morreu minha mulher; e ao outro dia pela manhã fiz o que o Senhor me tinha ordenado.” – (Idem, XXIV, 15 a 18).

“E foi-me dirigida a palavra do Senhor, a qual dizia:

“Filho do homem, profetisa sobre os pastores de Israel; profetisa, e dirás aos tais pastores: Isto diz o Senhor Deus: ai dos pastores de Israel que se apascentavam a si mesmo; não são os rebanhos os que são apascentados pelos pastores?” – (Idem, XXXIV, 1 e 2).

“Então o ouvi eu falando-me dentro da casa, e o homem que estava ao pé de mim.

“Me disse: Filho do homem, este é o lugar do meu trono, e o lugar das plantas dos meus pés, onde eu habito para sempre no meio dos filhos de Israel; e os da casa de Israel não profanarão mais para o futuro o meu santo nome, nem eles, nem os seus reis, pelas suas devassidões e pelos sepulcros dos seus reis, e pelos seus actos.” – (Idem, XLIII, 6 e 7).

“Porque Deus não ameaça como os homens, nem ele se inflama em ira como os **filhos dos homens**.” – (JUDITE, VIII, 15).

*(Conclui no próximo número).*

(In: OBRAS PÓSTUMAS, ed. Lake, 1ª Parte).





# O DÉCIMO PRIMEIRO

## MANDAMENTO

Nos episódios riquíssimos e emocionantes da vida de Nosso Senhor Jesus Cristo, o da sua despedida, nos instantes derradeiros do seu apostolado messiânico, é comovedor e de forte conteúdo sentimental.

É um momento, igualmente, de directrizes e orientações quanto ao porvir. Reunido o Colégio Apostólico, o Mestre mantém significativo e profundo diálogo com os discípulos.

Lendo os relatos dos evangelhos canónicos, percebe-se ter ocorrido uma atmosfera de perplexidade, que envolveu o grupo. Até àquele instante eles haviam redireccionado o seu presente, modificado a rotina de suas vidas, para seguir e servir àquele homem notável. Às suas vistas, Ele operara milagres extraordinários e dera início à estruturação de uma nova doutrina, alterando práticas do Direito Consuetudinário então vigentes: “Ouvistes o que foi dito: Amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo. Porém, vos digo: Amai os vossos inimigos, e orai pelos que vos perseguem (...).”<sup>(1)</sup> Também declarara: “Não penseis que vim destruir a Lei ou os profetas; não vim para destruí-los, mas para cumpri-los.”<sup>(2)</sup> E confirma, então, a essência do verdadeiro amor, ao declarar: “Amai a vossos inimigos, e orai pelos que vos perseguem.”<sup>(3)</sup>

Incompreendido, agredido e injustamente condenado pelos homens do seu tempo, consolida, contudo, em cerca de três anos, a

sua missão, estabelecendo as bases da Doutrina Cristã, que desafiaria os avanços dos séculos e a eles sobreviveria.

Naquele dia, todavia, as suas palavras eram de adeus.

Ele sabia que teria que beber o *cálice da amargura* da crucificação, sacrifício máximo que se constituiria na coluna mestra de sua vida. Erguido na cruz, a todos atrairia para Ele. <sup>(4)</sup> Assim vaticinou e assim vem acontecendo há mais de dois milénios.

Mas naquele dia, Ele se despede e declara aos seguidores:”( ...) para onde eu vou vós não podeis ir (...). *Novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros.* Como eu vos amei a vós, assim também deveis amar uns aos outros.” (Grifo nosso). É como se ele quisesse estabelecer um sinal, uma marca, um símbolo de identificação para os seus discípulos verdadeiros: “Nisto reconhecerão todos que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros.”<sup>(5)</sup> E esse *novo mandamento* ampliaria o decálogo divino, transmitido a Moisés quinze séculos antes.

Agostinho (354-430), bispo de Hipona, cidade da Numídia, região da antiga África, e um dos expoentes da Codificação Espírita, foi um desses continuadores do pensamento do Rabi da Galileia, que testemunhou o exercício do amor fraterno, elevado por Jesus à categoria de *excelência dos sentimentos* quando declarou: “Ama o teu próximo como a ti mesmo.” <sup>(6)</sup> Ele teria participado de interessante episódio durante o seu apostolado cristão.

No século IV d.C. existiu um povo considerado bárbaro chamado visigodos. O seu líder mais famoso chamava-se Alarico. No ano 395 d.C. Alarico resolveu dominar Roma, com formidável

exército, sitiando-a, e durante dois anos negociou a salvação da cidade, que vivia as disputas entre os impérios do Oriente e do Ocidente. Em 24 de Agosto de 410, Alarico decide invadi-la.

Agostinho encontrava-se em Roma, nessa época, e resolve ir ao acampamento do visigodo e pedir-lhe clemência. A presença do bispo naquele reduto de guerreiros sanguinários deixa a todos estupfactos, pela ousadia e intrepidez. Alarico ordena que os soldados matem Agostinho, mas eles temem, porque suas credences diziam que “matar um sacerdote significaria mau agouro”.

Acontece, então, segundo registam as tradições históricas, o encontro entre Agostinho e Alarico. O sacerdote está envolvido por comovida compaixão, lembrando-se, certamente, das palavras de Jesus: “Amai-vos uns aos outros como eu vos amei”; “Perdoai não sete mas setenta vezes sete “. Agostinho cai de joelhos diante de Alarico e ante a perplexidade do chefe visigodo oferece a sua vida em troca de moderação na invasão da cidade de Roma.

Alarico banaliza a proposta de Agostinho, expressando palavras de ódio, agressividade e ameaças. Mas o autor de *Confissões*, todo humildade, suplica misericórdia e clemência. A sua atitude era digna de espanto! O diálogo se encerra. Alarico expulsa o religioso do seu acampamento, com palavras e gestos terríveis.

O guerreiro invade Roma, mas, deixa o povo romano sem entender o que se passava, porquanto o general conquistador não ataca nem destrói os templos cristãos. O povo, então, procura se esconder e se abrigar nesses ambientes, que eram procurados até mesmo pelos pagãos, naquele instante de aflição. <sup>(7)</sup>

Agostinho, portanto, dominado pelo amor incondicional, fora buscar as suas forças interiores naquelas palavras do Mestre, que ecoaram e penetraram nas mentes e nos corações daqueles homens em Jerusalém, os quais estavam dando os primeiros passos para a construção de uma Nova Era. Naquele recuado instante dramático Pedro indagara: “Senhor, para onde vais?” E Jesus responde: “Não se turbe o vosso coração. Credes em Deus, crede também em mim. Na casa de meu Pai há muitas moradas (...) vou preparar-vos o lugar. (...) Vós conheceis o caminho para onde eu vou.” Tomé, também chamado de Dídimos, igualmente dominado por toda aquela incógnita, apela: “Senhor, nós não sabemos para onde vais, como podemos conhecer o caminho?”. E o Meigo Rabi, sereno, e certamente emocionado, revela: “Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida. Ninguém vem ao Pai senão por mim.”<sup>(8)</sup>

Filipe, pescador nascido em Betsaida, na Galileia, seguidor do Cristo desde as *primeiras horas*, expressa, solícito: “Senhor, mostra-nos o Pai e isso nos basta.” O Nazareno enfatiza: “Quem me vê, vê o pai.”<sup>(9)</sup>

Podemos recuar no tempo e *imaginar* as emoções especiais daqueles momentos: os discípulos estão comovidos e cheios de expectativa. As suas mentes são dominadas pelas palavras do Mestre, mas seus corações estão inquietos quanto ao futuro. Deduzimos que Jesus capta-lhes os íntimos sentimentos, e por isso declara: “Se me amais, guardareis os meus mandamentos. Eu rogarei ao Pai, e Ele vos dará outro Consolador, para que esteja convosco para sempre, o Espírito da Verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê nem o conhece (...) Não vos deixarei orfãos; virei para vós.”<sup>(10)</sup>

Lágrimas discretas, possivelmente, transbordaram dos olhos dos apóstolos, que refletiam a imagem inesquecível e atraente de

Jesus, cuja face provavelmente se iluminara ao projectar sua mente no futuro longínquo. Naquela despedida, acreditamos que Ele estava se dirigindo, também, aos homens e mulheres cristãos do porvir, que os séculos forjariam para o advento do Espiritismo- o Consolador prometido – no século XIX, promessa consolidada pelo esforço e dedicação de Allan Kardec, eleito dentre aqueles que o amaram e praticaram o seu mandamento no desdobrar dos tempos.

Amparado, certamente, pelas palavras de Jesus, recomendando o amor como viga mestra para a união entre os cristãos, é que o Espírito de Verdade, na intimidade da sala de trabalho do Codificador da Doutrina Espírita, gravou, para todos os evos, duas directrizes para os seus profíctentes: “Espíritas! Amai-vos, este o primeiro ensinamento; instrui-vos, este o segundo. (...)” (11), indispensáveis atitudes para consolidação do Espiritismo na Terra.

### ***ADILTON PUGLIESE***

- (1) - MATEUS, 5:43-44; (2) – MATEUS, 5:17; (3) – MATEUS, 5:44; (4) – JOÃO, 12:32; (5) – JOÃO, 13: 33-35; (6) – MARCOS: 12:31; (7) – MONTEIRO, Eduardo Carvalho. *A extraordinária vida de Jêsua Gonçalves*. S.Paulo, ed. Correio Fraternal, 1980, p.12; (8) – JOÃO, 13:33-36 e 14:1-6; (9) – JOÃO, 14:8-9; (10) – JOÃO, 14:15-18; (11) – KARDEC, Allan. *O Evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Guillon Ribeiro. 129 ed. Rio de Janeiro: FEB, 2009. Cap. 6, item 5.

NOTA: todas as transcrições atribuídas aos apóstolos são da *Bíblia de referência Thompson*.

(In Revista Espírita brasileira REFORMADOR, da F.E.B., Julho de 2010).



# ONDE ESTIVER JESUS

Onde estiver Jesus, alma querida e boa –  
Ilusão, erro, falha apareçam embora,  
Inda mesmo se o mal, em torno, desarvora -,  
Esclarece, ilumina, ampara, aperfeiçoa.

Onde estiver Jesus, nada se diz à-tôa;  
O engano pede luz onde a verdade mora;  
A caridade reina; a esperança, hora a hora,  
Alteia-se mais bela; o trabalho abençoa.

Onde estiver Jesus, humilhado ou sósinho,  
Nas desfigurações e aleives do caminho,  
Inflama-te de amor – sol ardente e fecundo!...

Onde estiver Jesus... Eis que Jesus te espera  
A bondade, o perdão, a paz e a fé sincera  
Para a glória da vida e redenção do mundo!

## *MARIA DOLORES*

(In: “Antologia da Espiritualidade”, psicografado por Francisco Cândido Xavier).



# NO RUMO DA REGENERAÇÃO

*“(...) Ajuntaram todos quantos encontraram:  
Tanto maus como bons; e a festa nupcial foi  
Cheia de convidados.” – JESUS (Mt.,22:20)*

É interessante observarmos que não existem separações estanques entre os diversos patamares da evolução espiritual. Assim, podemos – até certo limite – encontrar nuances diversificadamente matizadas de caracteres num mesmo degrau evolutivo. No estudo que fazemos do Evangelho e do Espiritismo isso fica bem claro.

Estamos, na actualidade terrestre, dentro de um momento crucial de separação dos ‘bodes’ e das ‘ovelhas’, da poética conceituação bíblica. E como ainda nos sentimos mais ‘bodes’ do que ‘ovelhas’, ficamos ‘com a pulga atrás da orelha’, sem muita certeza de para qual ‘curral’ iremos. Assim, ainda que preocupados, lucila a esperança de (pelo menos desta vez) irmos para o aprisco das ovelhas, uma vez que não se exige ‘santidade absoluta’ para tal, como muito bem mostra a “Parábola das Bodas”, na qual os maus tiveram acesso ao salão de festas (leia-se Reino dos Céus). Só mesmo aquele que não possuía a veste nupcial, isto é, não trazia em sua bagagem nenhum resquício de luminosidade espiritual, é que teve os pés e mãos amarrados e foi lançado nas trevas exteriores (leia-se Mundo de Provas e Expiacões).

Os Benfeitores Espirituais já nos sinalizam com a possibilidade de não voltarmos a este planeta na próxima

encarnação, desde que nos esforcemos para isso a partir de agora. Tal assertiva está lavrada nos seguintes termos <sup>1</sup>:

*“(...)Façamos todos os esforços para a este planeta não voltarmos, após a presente estada, e para merecermos ir repousar em mundo melhor, em um desses mundos privilegiados, onde não nos lembraremos da nossa passagem por aqui, senão como de um exílio temporário.”*

Da mesma forma, *“a regeneração da Humanidade terrestre, não exige absolutamente a renovação integral dos Espíritos: basta uma modificação em suas disposições morais”*, ensina Allan Kardec <sup>2</sup>.

O Mestre Lionês explica também o motivo pelo qual, vez por outra, desencarna uma grande multidão em um mesmo local<sup>3</sup>:

“As grandes partidas colectivas, não têm por único motivo activar as saídas; têm igualmente o de transformar mais rapidamente o espírito da massa, livrando-a das más influências e o de dar maior ascendente às ideias novas.

“Por estarem muitos, apesar de suas imperfeições, maduros para a transformação, é que muitos partem, a fim de apenas se retemperarem em fonte mais pura. Enquanto se conservassem no mesmo meio e sob as mesmas influências, persistiriam nas suas opiniões e nas suas maneiras de apreciar as coisas. Uma estada no mundo dos Espíritos bastará para lhes descerrar os olhos, por isso que aí vêem o que não podiam ver na Terra. O incrédulo, o fanático, o absolutista, poderão, conseguintemente, voltar com ideias inatas de fé, tolerância e liberdade. Ao regressarem, acharão mudadas as coisas e experimentarão a influência do novo meio em que houverem nascido. Longe de se oporem às novas ideias, constituir-se-ão seus auxiliares.



“(…) Opera-se presentemente um desses movimentos gerais, destinados a realizar uma remodelação da Humanidade. A multiplicidade das causas de destruição constitui sinal característico dos tempos, visto que elas apressarão a eclosão dos novos germens. São as folhas que caem no outono e às quais sucedem outras folhas cheias de Vida, porquanto a Humanidade tem suas estações, como os indivíduos têm suas várias idades. As folhas mortas da Humanidade caem batidas pelas rajadas e pelos golpes de vento, porém, para renascerem mais vivazes sob o mesmo sopro de Vida, que não se extingue, mas se purifica.”

Completa ainda o ínclito Mestre Lionês<sup>4</sup>:

“(…) O homem é sempre punido por aquilo em que pecou. Os sofrimentos que decorrem do pecado são-lhe uma advertência de que procedeu mal. Dão-lhe experiência, fazem-lhe sentir a diferença existente entre o bem e o mal e a necessidade de se melhorar para, de futuro, evitar o que lhe originou uma fonte de amarguras; sem o que, motivo não haveria para que se emendasse. Confiante na impunidade, retardaria o seu avanço e, conseqüentemente, a sua felicidade futura.

“Entretanto, a experiência, algumas vezes, chega um pouco tarde: quando a vida já foi desperdiçada e turbada; quando as forças já estão gastas e sem remédio o mal. Põe-se, então, o homem a dizer: *‘Se no começo dos meus dias eu soubera o que sei hoje, quantos passos em falso teria evitado! Se houvesse de recomeçar, conduzir-me-ia de outra maneira. No entanto, já não há mais tempo!’* Como o obreiro preguiçoso que diz: *‘Perdi o meu dia’*, também ele diz: *‘Perdi a minha vida’*.

“Contudo, assim como para o obreiro o Sol se levanta no dia seguinte, permitindo-lhe neste reparar o tempo perdido, também para o homem, após a noite do túbulo, brilhará o Sol de uma nova

vida, em que lhe seja possível aproveitar a experiência do passado e suas boas resoluções para o futuro.”

*Nascer, morrer, renascer ainda e progredir sem cessar, tal é a lei.*

- 
- 1 – KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. 83ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002, q. 872 “in fine”.
  - 2 – KARDEC, Allan. *A Gênese*. 43ª ed. Rio de Janeiro, FEB, 2003 Cap. XVIII, item 33.
  - 3 – KARDEC, Allan, idem, idem, itens 32 e 34.
  - 4 – KARDEC, Allan. *O Evangelho S/o Espiritismo*, 121ª ed. Rio de Janeiro, FEB, 2003, cap. V, item 5.

**ROGÉRIO COELHO**  
(Mauriaé – M. Gerais – Brasil)

\*

## SE ME QUISER LER ...

É difícil, vendo as dificuldades com que uns e outros estão vivendo o dia a dia, é difícil dizer para todos que tenham fé e coragem; para além do apôdo de ‘fanática’ com que, por vezes, somos confrontada, fica-nos a sensação de que, nestes instantes estamos, não a falar para sermos escutada e de maneira a que as nossas palavras possam ajudar a uns e a outros, mas a pregar no deserto! Paralelamente, vem-nos à mente a recordação de Santo António a pregar para os peixinhos... porque os homens não o queriam escutar!

E, no entanto, pensamos que é AGORA que temos, realmente, de vivenciar a nossa fé, seja no meio familiar, como entre amigos, como, ainda, tentando ajudar com as palavras que consigamos articular e dirigir àqueles outros que pensam que a fé serve para lhes dar o bem estar diário ou semanal, com todas as extravagâncias materiais que apeteçam a uns e a outros. Se assim não for, afirmam, então Deus é só Pai para uns...

Honestamente, estamos cansada de ouvir acusar Deus dos nossos desvarios e de ser Ele o culpado das conseqüências dos nossos erros e levandades! É que, todos nós – queiramos ou não – já nos apercebemos que existe uma Lei de Causa e Efeito e que somos nós, Espíritos Eternos criados por Deus para atingirmos um dia a perfeição de Espíritos Puros, somos nós, com toda a inconseqüência dos nossos actos, que vamos criando o sofrimento do imediato ou do porvir.

Não basta dizer-se que acreditamos na Reencarnação, como quem afirma que mais logo vai chover, apenas porque há nuvens muito escuras no céu mesmo por cima de nós! Temos que ser racionais e debruçar-nos sobre o conhecimento que chegou até nós com os ensinamentos que o Divino Amigo legou à Humanidade. Queremos o que nos atrai, com mais ou menos egoísmo, e nada fazemos para minorar esse sentimento que nos tem escravizado ao longo dos séculos, levando-nos a atitudes que nos prejudicam sempre em primeiro lugar, antes que nos leve a prejudicar o nosso próximo, não significa – não pode significar – que a nossa fé é uma fé viva e racional, com a qual vamos orientando o nosso dia a dia na tentativa de nos melhorarmos: só o conseguiremos fazer quando, na busca pela concretização dos nossos sonhos – vamos chamar-lhes assim – coloquemos sempre em primeiro lugar a preocupação de não magoarmos, ferirmos, ofendermos o nosso

próximo, ainda que imperfeito como nós, mas que da mesma maneira que nós, com mais ou menos afinco, procura caminhar na conquista de um Amanhã melhor.

As facilidades de uma vida sem sentido prático, porque não voltadas para a concretização das realizações espirituais, levam agora a que uns e outros, sem a base da fé firme, procurem ainda “trocar as voltas” aos acontecimentos, para poderem continuar a usufruir de todo o bem-estar que viveram até há uns anos atrás. Mas a transformação do Planeta, que procura também ele a sua paz, faz com que todos os excessos terminem e que o erro tenha sempre e cada vez mais as suas consequências no imediato... a “ameaça” da expulsão para um mundo inferior rodeia-nos a todos os que não quisermos ou teimamos em não querer modificar a nossa maneira de ser, agir e pensar: Jesus continua connosco, mas para O sentirmos temos de procurar a mesma sintonia vibratória – amando o nosso próximo, perdando, sabendo – em suma – estender sempre as nossas mãos para aquelas outras que se encontram vãs. Um coração árido, ainda, de bons sentimentos não está capaz de que o ofertemos para o Senhor, para que nele se instale o Seu Reino!

Então, as nossas palavras, fraternas, amigas, para este final de ano, levam a cada um de vós, que nos lerem, o nosso pedido-conselho – se assim o podemos aplidar: vamos todos, mas TODOS, pôr de parte todas essas tentações com ouropéis que escondem a falsidade idêntica à dos objectos muito bonitos por fóra, devido ao invólucro de que estão revestidos, mas que quando olhados com olhos de ver se descobre que nada valem!

Lembremos, todos nós que gostamos de ler e frequentamos Centros Espíritas com mais ou menos assiduidade, lembremos a história dos exilados de Capela, e não queiramos que nos aconteça

como a eles, que vieram expulsos para a Terra, nos seus primórdios, porque não tinham aprendido o amor pelo próximo, embora fossem ricos de conhecimentos científicos e intelectuais! O sofrimento que dizemos agora não suportar será muito maior num mundo inferior, se não criarmos em nós as condições necessárias para aqui continuarmos a reencarnar.

Então, para o novo ano preste a iniciar-se, que o nosso propósito e o propósito de cada um seja o de aproveitar cada dia que o Senhor nos conceda para nos enriquecermos espiritualmente, ainda que à custa da dor, da doença, da necessidade: ser-nos-ão estas muito mais úteis do que todas as ‘fantasias’ que conseguirmos adquirir como se de um sonho tornado realidade se tratasse. Concretizemos, antes, o trabalharmos Hoje para sermos felizes Amanhã!

**MANUELA VASCONCELOS**

\*

***Embora ninguém possa voltar atrás e  
fazer um novo começo,  
qualquer um pode começar agora  
e fazer um novo fim!***

**(FRANCISCO C. XAVIER)**

# PÁGINAS DO PASSADO

## O Problema dos Sonhos

É um facto para nós intrigante e perturbador a explicação dos sonhos. Como é que nós podemos relacionar coisas aparentemente tão absurdas pela sua desconexão?

Costuma dizer-se que os sonhos são o reflexo dos nossos pensamentos e, quanto a nós, essa opinião é muito mais bem fundada do que parece à primeira vista. O estudo do mecanismo e interpretação da clarividência ou metagnomia, alargou, consideravelmente, os horizontes que demarcaram as possibilidades do espírito humano, podendo afirmar-se, hoje, que essa faculdade, embora exista excepcionalmente desenvolvida em certos indivíduos, é todavia comum a todos os seres, portanto, como que uma bilocação inconsciente.

Em virtude das considerações que tem sugerido o estudo dos fenómenos de conhecimento supranormal, é sabido que todo o metagnomo, e portanto, todo o homem, visto que o clarividente apenas tem a mais que qualquer outro indivíduo a possibilidade de pôr em evidência potencialidades que são comuns a todos os seres, encerra em si, na memória subconsciente, o conhecimento integral de todas as vicissitudes da sua existência através da evolução, na série das suas inúmeras encarnações. Essa memória, absolutamente diferenciada da memória consciente, que é efémera e infiel, regista pormenorizadamente, com todas as minudências, os mais leves incidentes, quer em potência, quer em acto, permitindo a sua revivescência fugaz na memória consciente, quando, por um fenómeno de criptomnésia, se torna possível a

qualquer pensamento ou acto realizado, a sua passagem do inconsciente ao consciente por um mecanismo ignorado.

Apoiando-nos sobre estas considerações, o sonho aparece-nos absolutamente compreensível, como uma transposição para a memória consciente, de pensamentos ou actos realizados ou a realizar, por um processo semelhante ao que permite aos metagnomos o funcionamento da sua clarividência. Justifica-se por isso que os sonhos se apresentem mesclados e confusos, resultantes duma insuficiente percepção de reflexos fugidios dum misterioso passado, que, para um ser dotado de vistas largas e transcendentas, condiciona, pela aplicação das leis imutáveis, todo o futuro individual. Seria este o modo de explicar igualmente os sonhos premonitórios, que são talvez apenas uma modalidade dos sonhos normais em que a transposição das sensações subconscientes é fiel e indutiva.

Compreende-se, portanto, que na dissociação da personalidade, realizada durante o sono, possa haver um traço de união entre a personalidade integral e a personalidade consciente, no momento da integração do espírito que se distanciou, apoiado nos seus corpos fluídicos superiores. Assim se explica também satisfatoriamente a realidade de certas comunicações com os desencarnados, que, durante a liberdade que o sono nos faculta, conseguem imprimir, na nossa memória subconsciente, um pensamento tão intenso e cheio de vitalidade que triunfa da barreira larga e profunda que separa as duas memórias e se assenhoreia da fortaleza quase inexpugnável da memória consciente.

Sucedeu há pouco connosco ter um sonho que nos não deixou a menor dúvida de que ele procedia duma comunicação com um desencarnado e que registámos imediatamente ao acordar, para

não perder o mais pequeno detalhe das circunstâncias em que se produziu. Não lhe demos, porém, publicidade, como desejaríamos, porque se refere a assuntos particulares estranhos à nossa pessoa; mas é bem provável que inúmeras pessoas apontem casos semelhantes, probativos desta tese. Aguardemos o resultado do concurso instituído pela *'The Psychological Society of Boston'*, para a escolha da melhor comunicação sobre o problema dos sonhos, que nos habilitará a pronunciarmo-nos mais nitidamente sobre o assunto.

**PEDRO CARDIA**

(In: REVISTA DE ESPIRITISMO da Federação Espírita Portuguesa, Novembro/Dezembro de 1928).

\*

## DILÚVIO

*Porquanto, assim como nos dias anteriores ao Dilúvio comiam e bebiam, casavam-se e davam-se em casamento, até ao dia em que Noé entrou na arca e não o perceberam, senão quando veio o dilúvio e os levou a todos, assim será também a vinda do Filho do Homem.” – (Mts., 24:38 e 39)*

Os grandes fenómenos sísmicos ou cósmicos, registados na evolução do orbe, lembrando linhas directivas e assinalando períodos evolutivos do homem, são conhecidos por Jesus e seus núncios que, por via mediúnica, os revelam aos seres terrenos, quando necessário.



Se a morte do corpo físico significa dia de juízo parcial no mundo de cada ser, determinando o porvir da alma na própria Terra, o juízo final pode estar indicando o futuro do Espírito, em planeta que corresponda à sua evolução moral.

Do Egito, depois da construção das pirâmides, e da Palestina, após os dias do Cristo, muitos Espíritos, denunciando segura edificação íntima, regressaram a Capela, no sistema do Cocheiro, de onde migraram.

Mortes colectivas, pelo intenso choque que produzem ao Espírito, significam apenas vigorosos capítulos determinados pelo processo evolutivo, visando o despertar da alma do sono da acomodação ou de velhos condicionamentos religiosos a que por vezes se entrega, por milénios.

As profecias não têm por finalidade isentar o homem da morte física, já que o chão do planeta não se configura por domicílio permanente. Admitida por futuro de todos, a morte física não deve implicar preocupação, mas advertência permanente quanto ao imperativo da evolução espiritual.

Os habitantes da Atlântida e da Lemúria, pela faculdade mediúnica de Noé, foram informados a respeito da grande transição. Mas, como nos dias actuais, nenhum apreço emprestaram aos avisos, pelo que foram surpreendidos pelas águas.

As profecias, recordando recados de Jesus, não conseguem mudar a índole ou o carácter dos seres, cuja evolução exige renovadas parcelas de tempo e de sofrimento.

Se os habitantes da Atlântida consagrassem credibilidade e obediência às profecias de Noé, certamente que milhares de arcas deveriam ser construídas, considerando que o dilúvio, conhecido espiritualmente, deveria acontecer, atendendo a determinações ainda não compreendidas pelo homem.

A arca que assegura a vida do homem em planos superiores, em dias de juízo, constitui-se no Evangelho, cuja essência deve-se guardar no cofre do coração.

Para o presente século, as profecias anotam, em linguagem sibilina, grandes acontecimentos, compreendidos por último juízo, indicando novo destino aos Espíritos que não se afeiçoaram às verdades do Senhor. Os brandos herdarão a Terra, como encarnados ou não, enquanto os Espíritos belicosos, egoístas e avaros, ambiciosos e imorais, responsáveis pelos bolsões de miséria do orbe, pelas guerras e pelo meretrício, serão transferidos a planeta inferior, compelidos à ascendência espiritual de que, neste mundo, negligenciaram por milénios.

***JOÃO J. MOUTINHO***

(In: “Notícias do Reino”, do autor, ed. FEB, cap. 34 – 2º volume de uma trológia).



# ALGUÉM ESPERA...

Ouve!... Reinam lá fóra o gelo e a ventania  
Por linguagem da noite ao coração inquieto  
Dos romeiros da dor, suportando sem tecto  
Penúria e solidão na jornada sombria!...

Ouve mais!... Rente ao lar, alguém se te anuncia,  
Acena com brandura e fala em tom discreto,  
Solicita em favor dos famintos de afecto  
Uma réstea de paz, um raio de alegria...

Ouve!...Ergue-te e sai!... Na estrada, ao desabrigo,  
Doce mão se estende e anseia estar contigo  
Para mostrar-te a vida em sentido profundo!...

Esse alguém é Jesus, cuja fé não descansa,  
Pedindo-te consolo, assistência e esperança,  
A serviço do amor na redenção do mundo.

*AUTA DE SOUZA*

(In: “Alguém Espera”, livro mediúnico de poemas, psicografado pelo médium brasileiro Francisco C. Xavier, em Uberaba – Brasil).

# CAMINHEMOS...

A existência de cada um, desde a sua criação, tem um percurso de que se não pode fazer uma preferência: passo a passo, caindo e levantando-nos, fomos aperfeiçoando até ao Hoje como o construtor arquitecto que, pacientemente, vai edificando, pedra a pedra, a sua casa.

No caminho temos encontrado obstáculos, perigos, e até assaltos – que de tudo se compõe o nosso percurso; se, por um lado, fomos procurando sempre o mais fácil – que nem sempre foi o melhor – por outro lado o egoísmo que nos manietava ainda fez com que muitas vezes prejudicássemos os nossos companheiros de jornada recebendo, mais tarde, o retorno do prejuízo causado.

Passo a passo, caindo e reerguendo-nos, todos nós – cada um de nós – no seu percurso tem procurado ser vencedor.

A meta, para muitos de nós, ainda está distante: talvez nem possamos, sequer, afirmar que o trilho vencido já é maior que o que falta percorrer... mas depende sempre do empenho de cada um os passos a dar e como os dar!

Aquele que não quer alijar da sua bagagem o supérfluo que a compõe, pelo peso do carregamento da mesma demora mais na viagem que aquele outro que se foi libertando de tudo, desde os sentimentos nocivos aos bens materiais arrematados e que alimentam o egoísmo.

Ao longe, o farol que ilumina o caminho de cada um com a sua luz diferente de todas as outras, ajuda-nos a ver os perigos do percurso mas incentiva-nos, também, a não pararmos! A viagem,

embora sem tempo limitado pelo Senhor, já demorou bem mais do que o desejado e se essa demora se deveu (deve) à maneira despreocupada como, por vezes, iniciamos determinada etapa, cada um deve pensar sempre que o tempo perdido não se pode recuperar e os passos dados hoje, levianamente, despreocupadamente, criam chagas que levarão bastante tempo a cicatrizar.

O Senhor espera por todos...

Não O cansemos com a espera de cada um de nós!

*AUGUSTO*

(Psicografia, em 31 de Outubro, 2010).

\*

## **AVE, É NATAL**

Ouve, Senhor,

Os gemidos de todos os enfermos,

Os ais das mães e pais cujos rebentos se arremessaram pela ladeira da dependência química, os ulos dos que sofreram golpes de violência no lar ou na via pública,

Os gritos dos desesperados, que já não conseguem conter o turbilhão de frustrações que lhes vai no imo d'alma.

Olha, Senhor,

A lágrima silenciosa dos que não superaram as próprias fragilidades,

A chaga aberta no corpo ou na alma dos desassistidos,

As faces crispadas daqueles que guardam ódio no coração, pelas razões mais diversas,

As rotas tortuosas adotadas por todos os que passaram a desacreditar da justiça e da fraternidade.

Envolve, Senhor,

Cada uma dessas almas e inunda com Tua Luz cada um desses corações,

Para que retornem aos caminhos da esperança e da alegria.

Abençoa, Senhor,

Cada vivente na Terra, e que as almas humanas sustentadas por Teu amor infindo, não se cansem de aprender e de servir, de lutar e de crescer, sem qualquer esmorecimento, fiéis aos tempos novos que se anunciam no mundo, a partir da evocação da Tua vinda.

Ave, é Natal!

Toca-nos, então, Jesus de Nazaré,

Como tocaste os *endemoniados*, fazendo-os retornar ao equilíbrio;

Como tocaste os paralíticos, levando-os a novos movimentos;

Como tocaste Lázaro, para dar-lhe vida nova;

Como tocaste Madalena, para que ela encontrasse definitiva paz íntima;

Como tocaste Zaqueu, retirando-o dos conflitos existenciais;

Como tocaste Simão Pedro, a fim de que se convertesse em fundamento de fraternidade e do amor ao próximo;

Como tocaste Paulo, libertando-o do fanatismo para o encontro com a lucidez operosa;

Como tocaste as bilhas d'água, na festa de Canã, convertendo-as em recipientes cheios de sabor, patrocinando júbilos indeléveis.

Ave, Senhor!

Penetra-nos o ser, Divino Amigo, para que não tenhamos as guerras, por reconhecermos, contigo, a supremacia do entendimento para a paz, hoje ou amanhã; para que não nos perturbemos com o egoísmo que infesta em toda parte, por crermos na excelência do espírito altruísta, que há de reger os sentimentos humanos.

Releva, Jesus, as múltiplas limitações que nos assoberbam, e, uma vez mais, dedica um olhar de misericórdia, de piedade, sobre o Teu rebanho desarvorado ainda, deixando-nos ouvir de novo a Tua voz a incentivar-nos, a conclamar-nos ao progresso e ao bem, dizendo: Sois deuses...

Inebria-nos com Tua presença, novamente, Senhor.

É novo Natal!

Exultemos.

### **CAMILO**

(In: “No Rumo da Sublime Estrela pelo Natal de Jesus”, psicografia do médium brasileiro Jo´se Raul Teixeira).

\*

***A todos os nossos Amigos, Irmãos, Companheiros, como a todos os leitores da COMUNHÃO, desejamos um Santo Natal, a prolongar-se por todo o 2011...***

***Que quando cada um se reuna com seus familiares e Amigos para a ceia familiar possa ter, como convidado principal, o Divino Amigo e senti-Lo no seu coração!***

***Feliz Natal para todos! Que Jesus nos abençoe!***

\*